

## Relatos de um país inquieto: análise crítico-textual da *Notícia da sublevação [...] de 1720*

Reports of a restless country: critical-textual analysis of the *Notícia da sublevação [...] de 1720*

Pedro Henrique Domingues de Lima\*

### Resumo

Este artigo propõe uma análise textual da *Notícia da sublevação, que nas minas do ouro preto houve no anno de 1720*, manuscrito sobre a revolta de Vila Rica pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP). Trata-se de texto relacionado a outro códice mais conhecido, o *Discurso historico, e político sobre a soblevação [...] de 1720*, mas com um perfil bastante singular. Nele, nota-se o peso da narrativa factual e uma preocupação em facilitar posteriores leituras. Com base na tese de Erich Auerbach sobre a novela no início do Renascimento, realizamos a leitura de sua forma textual a partir de três eixos analíticos: moldura, protagonistas e composição. Acreditamos que, assim, seja possível apontar a importância deste manuscrito enquanto peça literária, para além das informações objetivas acerca da sublevação e das Minas setecentistas.

Palavras-chave: revolta de Vila Rica; *Notícia da sublevação de 1720*; Erich Auerbach.

### Abstract

This article proposes a textual analysis of the *Notícia da sublevação, que nas minas do ouro preto houve no anno de 1720*, a manuscript on the revolt of Vila Rica belonging to the Institute of Brazilian Studies (IEB), in the University of São Paulo (USP). It is a text related to another more well-known codex, the *Discurso historico, e político sobre a soblevação [...] de 1720*, but with a unique profile. In it, we note the weight of the factual narrative and a concern to facilitate further reading. Based on Erich Auerbach's thesis on the novel at the beginning of the Renaissance, we seek to understand its textual form from three analytical axes: frame, protagonists and composition. We believe that, thus, it is possible to point out the importance of this manuscript as a literary article, in addition to the objective information about the uprising and 18th century Minas do Ouro.

Keywords: revolt of Vila Rica; *Notícia da sublevação de 1720*; Erich Auerbach.

\* E-mail: ph\_domingues@id.uff.br.

### Um código entre dois mundos

É ampla a historiografia acerca de um instigante código sobre a revolta de Vila Rica, o *Discurso histórico, e político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720*. Do final do século XIX até os dias atuais, muitos autores citaram ou estudaram o documento em livros, teses e dissertações a respeito de temas relacionados ao período colonial brasileiro. Contudo, buscamos dar atenção a outro manuscrito, produzido nas mesmas circunstâncias: a *Notícia da sublevação que houve nas minas de Ouro Preto no ano de 1720* (IEB-USP, AL-61), pertencente à coleção Lamego no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo<sup>1</sup>. Seu texto consiste numa edição do *Discurso*, suprimindo muitas das fábulas, digressões e considerações filosóficas. A *Notícia* conheceu duas paráfrases publicadas em 1929 nos periódicos *O Jornal* (RJ) e *Diário de São Paulo*, ambas de autoria do advogado e colecionador fluminense Alberto de Moraes Lamego, que afirmou tê-la “adquirido ha annos em um alfarrabista de Lisboa” (1929, p. 4). No entanto, permaneceu como uma nota de rodapé na História, referenciada em obras de Affonso Taunay, Francisco Adolfo de Varnhagen e Laura de Mello e Souza (ALMADA; MONTEIRO, 2019).

Os manuscritos são atribuídos aos jesuítas Antônio Correia e José Mascarenhas, que viviam nas Minas do Ouro com o governador Pedro Miguel de Almeida Portugal (1688-1756), 3º conde de Assumar, na época do conflito. Nascidos e formados no Rio de Janeiro, também lecionaram em São Paulo e Olinda, sendo elogiados pela erudição na correspondência do conde ao bispo do Rio de Janeiro, Francisco de São Jerônimo, logo após a revolta (SOUZA, 1994). Durante seu governo na capitania de São Paulo e Minas do Ouro (1717 e 1721), d. Pedro de Almeida enfrentou uma difícil conjuntura, desembocando no evento de 1720, cuja violenta repressão destoava da prática dos antecessores, d. Antônio de Albuquerque e d. Brás Baltasar da Silveira<sup>2</sup> (MATHIAS, 2005).

O *Discurso* e a *Notícia* – possivelmente produzidos no período imediato após a revolta – trazem não só o relato factual da sublevação, mas uma parte em separado com as razões do castigo. Enquanto o primeiro documento teria sido concebido como peça de uso privado, para alívio da consciência de Pedro Miguel, o AL-61 possui um estatuto próprio, tendo provavelmente circulado mais antes de atravessar de volta o Atlântico (MONTEIRO, 2020).

Sobre o termo “notícia”, no vocabulário português setecentista ele remete ao conhecimento ou compreensão de algo (BLUTEAU, 1728), diferente da acepção atual de “novidade”. A palavra também aparece relacionada à luz e ao alcance, da mesma forma que notícias circulantes no reino de Portugal iluminavam eventos sucedidos em paragens distantes. Entre uma elite letrada portuguesa, havia o gosto pela leitura de batalhas e conflitos no exterior

---

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado parcial da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Em torno da *Notícia*. Interpretação e materialidade social do manuscrito sobre a revolta de 1720”, realizada com apoio da FAPERJ, sob orientação do professor Rodrigo Bentes Monteiro.

<sup>2</sup> Em seus respectivos governos (1709-1713 e 1713-1717), buscaram atuar no campo simbólico, preferindo negociar do que castigar.

(BELO, 2001). Tais relatos circulavam por uma ampla rede de informações manuscritas e impressas, onde a primeira forma tendia a ser mais valorizada, pois nela:

[...] podia circular o que não tinha lugar num impresso em que existiam restrições importantes à entrada de notícias, sobretudo as que diziam respeito à corte portuguesa. [...] A circulação do manuscrito era também mais rápida: enquanto o impresso devia passar pela censura prévia e pela composição tipográfica, o manuscrito entrava mais rapidamente em circulação (BELO, 2004a, p. 27-28).

Menos sujeitos aos constrangimentos da censura, portanto, os manuscritos ofereciam um leque amplo de notícias, “mostly in contexts of violence and riots”<sup>3</sup> (BELO, 2004b, p. 9). Tal parece ser o caso da *Notícia*, que promove o relato pormenorizado de um evento potencialmente embaraçoso para a coroa. Nela, o factual possui maior peso e a narrativa é mais objetiva, com o predomínio da terceira pessoa. De forma a facilitar a leitura, os 120 parágrafos são enumerados e as 300 notas marginais condensam o conteúdo do texto central. Ainda que simplifique bastante a erudição do códice matricial, ela também carrega um perfil multifacetado, indo além de uma versão resumida do *Discurso*. A fim de contribuir para o estudo dos prováveis sentidos desse manuscrito, exercitamos a leitura de sua forma textual<sup>4</sup>, com base no programa delineado por Erich Auerbach (1892-1957) na tese *A novela no início do Renascimento: Itália e França*, defendida e publicada em 1921.

### As formas de Auerbach

Em seu primeiro trabalho no campo da filologia, Auerbach compara as literaturas italiana e francesa dos séculos XIV e XV, preocupado com o surgimento e desenvolvimento da forma novelística. Para além da crítica literária, o jovem pesquisador também escreve história, pois considera a obra como “determinada por três fatores: a época de sua origem, o lugar, a singularidade de seu criador” (AUERBACH, 2013, p. 17). Ele próprio foi bastante singular na Alemanha do começo do XX. Nascido de família burguesa e judaica, teve uma curta carreira no direito público antes de se dedicar aos estudos filológicos, interrompidos pela participação na 1ª Guerra Mundial – onde foi, inclusive, gravemente ferido. Após o doutoramento, atua como bibliotecário em Berlim e assume, no ano de 1929, a cadeira de filologia românica na Universidade de Marburg. A disciplina, na época, absorvia o impacto da emergente sociologia, que certamente influenciou nosso autor. Neste encontro, seu grande mérito consistiu em trazer elementos extraliterários para a análise textual (WAIZBORT, 2013), algo particularmente notável na tese de 1921, que delineia o problema do realismo nas obras literárias:

A forma da novela resulta de sua natureza: ela precisa ser realista, na medida em que assume os fundamentos da realidade empírica como algo já dado; não o é, na medida em que pode conter a realidade apenas como imagem formada e não como material bruto. Assim, ela tem de pressupor um *éthos*, e um tal que não possua base metafísica,

<sup>3</sup> “[...] na maioria das vezes em contextos de violência e desordens”.

<sup>4</sup> Apesar das limitações do presente trabalho, reconhecemos a necessidade de uma maior contextualização do documento, considerando, inclusive, seus aspectos materiais. Pretende-se realizar tal exercício no âmbito da pesquisa de Iniciação Científica da qual este artigo é tributário.

mas se assente nas leis do convívio social (AUERBACH, 2013, p. 17-18).

A partir desse pressuposto, Auerbach confere à novela um significado móvel, que assume diferentes aspectos segundo épocas e sociedades distintas. A obra pode construir uma realidade que lhe é própria, sem perder a verossimilhança. De que maneira, então, outras formas literárias lidam com o mundo empírico? Tal problemática chega a 1946, ano da publicação de *Mimesis*, livro que marcou meu primeiro contato com o pensamento de Auerbach, ainda no começo do curso de História. Escrito, em grande parte, durante o exílio forçado do autor em Istambul, esse trabalho revela certa amargura com o clima de intolerância que crescia pela Europa. Quem destaca tal aspecto é Carlo Ginzburg, no sexto capítulo de *O fio e os rastros*, texto que me fez perceber, decorridos alguns anos da graduação, a originalidade e o valor de *Mimesis*. Nele, conhecemos a diferença do filólogo em relação ao Iluminismo, evidente na análise de uma passagem das *Cartas Filosóficas* de Voltaire sobre a Bolsa de Londres, onde a representação cômica da diversidade religiosa causa um efeito de estranhamento comparável, segundo Auerbach, à técnica deformadora utilizada pela propaganda nazista. Assim, o movimento filosófico é implicitamente comparado ao nacional-socialismo alemão, como “etapas de um processo histórico longuíssimo, que reduziria as particularidades [...] a elementos diversificados e irrelevantes, antes de suprimi-los definitivamente” (GINZBURG, 2007, p. 126).

*Mimesis*, no entanto, transcende o contexto imediato do exílio, representando toda uma trajetória acadêmica dedicada ao estudo das diversidades e à historicização das formas culturais. Seus dois primeiros capítulos (*A Cicatriz de Ulisses* e *Fortunata*), por exemplo, pontuam diferenças de estilo consideráveis entre a literatura dos antigos e os textos bíblicos, oriundas de mentalidades distintas e importantes transformações históricas:

Tácito e Petrônio querem tornar sensivelmente compreensíveis, acontecimentos históricos o primeiro, uma determinada camada social o segundo, e o fazem dentro dos *limites de determinada tradição estética*; o redator do Evangelho de Marcos não tem esta intenção, nem conhece uma tal tradição (AUERBACH, 2001, p. 41, grifo nosso).

Neste exercício, o filólogo considera gostos, critérios e valores estéticos como partes constituintes da representação do real, um procedimento relativista, inspirado na obra de Giambattista Vico (WAIZBORT, 2004). Em seu tempo e contra o ceticismo cartesiano, Vico defendia a possibilidade da história mediante o conhecimento das criações humanas, cujos aspectos variam conforme as gerações. Daí a língua ser eleita objeto privilegiado de reconstituição do passado, pois expressa costumes e ideias consideradas verdadeiras entre aqueles que as compartilham (COLLINGWOOD, s. d.). Podemos, a partir da literatura, pensar sobre homens e mulheres que não vivem mais, pois “aquilo que nós compreendemos e amamos em uma obra é a existência de um ser humano, uma possibilidade de nós mesmos” (AUERBACH *apud* WAIZBORT, 2004, p. 81). Os textos literários, portanto, transcendem o valor objetivo enquanto fontes documentais, permitindo acessar subjetividades de outrora.

Na tese de 1921, um jovem Erich Auerbach busca, através das categorias de moldura, protagonistas e composição, entender os desenvolvimentos sócio-históricos da novela. A literatura italiana de Boccaccio, Poggio e Sacchetti é posta face a face com as *Cent nouvelles nouvelles*, o *Ménagier de Paris*, as *Quinze joyes de mariage*, entre outras criações francesas do Renascimento. Dessa forma, ele capta a “tensão de forças que se configura entre uma subjetividade e a objetividade do mundo na qual ela [a obra] existe e que em alguma medida também a modela” (WAIZBORT, 2013, p. 115). A própria novela é resultante da conjugação entre condicionamentos estéticos e certa determinação social:

Sua condição prévia é, portanto, um círculo de pessoas que se fecha diante daquilo que lhe é exterior, assume uma determinada posição sobre a vida terrena e se interessa por conhecê-la e observá-la criticamente. Assim a novela está sempre inserida no tempo e no espaço (Auerbach, 2013, p. 17).

Disso, decorre uma mudança importante na moldura dos textos literários, que deixa de ser a questão principal – como nos *exempla* da Idade Média, onde comportam ensinamentos e doutrinas – e se torna meio para narração das novelas. Essa primeira categoria é fundamental para entrever a forma e “atmosfera de uma obra” (idem, p. 23). Antes despojada de qualquer nexos com a realidade, a moldura adquire força e lastro no enquadramento do meio social, criando sua própria realidade. Na França, o desenvolvimento da consciência nacional e burguesa leva ao emolduramento do ambiente doméstico; já na Itália, as histórias enquadram as formas de sociabilidade da nobreza. Podemos dizer que a mentalidade renascentista, nos dois casos, é essencialmente a mesma, mas as formas de expressão, não.

É Giovanni Boccaccio quem consolida a nova moldura, mais livre e ampla. As histórias ganham em unidade, retratam sociedades específicas e são dedicadas a grupos socialmente delimitados. Da velha estrutura, permanece apenas a intenção do autor. Boccaccio afirma escrever o *Decamerão* para entreter as mulheres, que “poderão obter prazer e útil conselho das coisas reconfortantes que as narrativas mostram” (2002, p. 8). A exaltação da figura feminina é uma constante nas cem novelas narradas, de forma elegante, pelos dez jovens protagonistas. De modo contrário, nas novelas francesas a mulher vira inimiga, busca sempre a ruína doméstica. Aqui, Auerbach nos mostra que a caracterização dos personagens “surge como elemento revelador e estruturante da forma da novela” (WAIZBORT, 2004, p. 64).

Também importa, para o filólogo alemão, considerar a composição dessas narrativas, como elaboram a “variedade infinita dos acontecimentos sensíveis [...] juntamente com seus condicionantes” (AUERBACH, 2013, p. 65). As novelas precisaram achar uma forma de dar conta textualmente da realidade, encontrando no *bel parlare*, ou seja, na valorização da conversa elegante, um meio de intensificar seus efeitos e despertar o leitor às dinâmicas sensíveis da vida. Os textos ganham em realismo e força mediante os jogos de palavras. Na Itália, a tendência é de empobrecimento dessa composição, enquanto os franceses a levam ao máximo com exposições arrastadas e sem clímax.

Acreditamos que as três categorias acima possam balizar a análise textual da *Notícia*. A tese de 1921 nos interessa pois trata-se de um esforço – ainda embrionário – em considerar o texto *per se*, com sua estética e as formas de representação do mundo concreto. Assim, pretendemos conceber o manuscrito em tela enquanto produto histórico, plenamente inserido no tempo e espaço, mas também explorar a construção de seus protagonistas e a composição narrativa. A partir desse quadro, é possível ainda esboçar alguns sentidos atribuídos à Revolta de Vila Rica. Vejamos, então, como o evento aparece nas 58 páginas do códice<sup>5</sup>.

### O percurso da sublevação

A narrativa tem seu início em 1719, com a chegada da tropa dos Dragões<sup>6</sup> e de três ordens régias – entre elas a nova lei dos quintos –, gerando o desgosto de todos os habitantes das Minas: oficiais sem regimento, religiosos, poderosos e o povo. Entre eles, o impacto foi maior para Pascoal da Silva Guimarães, cujo poder e prestígio se estendia pelo morro onde morava, em Vila Rica. Sua fúria é direcionada a duas pessoas: o conde e o ouvidor Martinho Vieira, personagem que desagradava os demais “cabeças” da sublevação: Sebastião Carlos e o genro, Pedro da Rocha Gandavo, Sebastião da Veiga Cabral e o ex-ouvidor Mosqueira da Rosa. Todos eles, avexados por dívidas, tramam, em segredo, a rebelião, usando a lei dos quintos como pretexto para amotinar o povo.

Quatro ou cinco dias antes do motim, o conde é avisado por João da Silva Guimarães – filho de Pascoal e juiz ordinário da Câmara de Vila Rica – que pretendiam depô-lo e assassinar o ouvidor. Esse clima de insurreição desemboca na noite de 28 junho, a primeira da revolta. Seis mascarados com “negros armados” (IEB, p. 16) descem o morro de Pascoal arrombando portas e aterrorizando as casas, depois vão à residência de Martinho (que havia fugido), esfaqueiam um criado, destroem alguns papéis de justiça, violentam uma “mulata” (idem, p. 18) e ocupam o largo em frente à Câmara, donde chamam o letrado José Peixoto. É feita uma proposta, solicitando “que nao’ houvesse casa de Cunhos, e de moeda, nem o / contrato dos caminhos, de gado, de fumo, e de sal” (idem, idem). Ela é levada, com alarde, ao palácio do governador na Vila do Carmo. Ao tomar notícia do evento, ele manda juntar os poucos Dragões disponíveis, ordena que busquem Martinho Vieira, notifica os ouvidores do ocorrido e, depois de uma consulta com os poderosos locais, resolve atender algumas reivindicações.

Nada disso basta, porém, para sossegar os motins. Na última noite de junho, o conde é solicitado que fosse a Vila Rica perdoar os sublevados. Alertado por José Peixoto, ele permanece em Vila do Carmo e decreta o perdão, com a condição de que fosse ratificado pelo rei, o que não

---

<sup>5</sup> Pela cópia digital, que apresenta um selo da Biblioteca Lamego – com a data “13 JUN 41” – e uma descrição do códice colada no alto da folha de guarda, cuja autoria desconhecemos. Além disso, é possível entrever algumas correções feitas pelos autores do manuscrito, que riscavam as palavras no texto e inseriam outras no espaço entrelinhas. Também utilizamos para este artigo uma transcrição feita em formato *word*, com 55 páginas, onde buscou-se preservar os aspectos acima, junto à numeração dos 120 parágrafos e à posição relativa das 300 notas marginais.

<sup>6</sup> Um dos três corpos militares atuantes nas Minas setecentistas, o único pago diretamente pela coroa portuguesa (MATHIAS, 2005).

agrada o letrado. Depois, envia o padre José Mascarenhas para anunciar a decisão ao povo que, incitado pelos cabeças, o recebe com insultos e ameaças. O governador ainda manda publicar um edital com o adiamento das casas de fundição e o levantamento dos contratos da Bahia e Rio de Janeiro.

Como o povo, sem acreditar na decisão, permanece agitado, ele dissimula e afirma que iria a Vila Rica na manhã seguinte. Antes disso, no entanto, seus moradores, armados, marcham à Vila do Carmo, na expectativa de encontrá-lo no meio do caminho. Chegando ao destino, sentem medo dos Dragões, que estavam em frente à Câmara portando o estandarte real, junto dos poderosos locais. A comitiva, então, decide pelo diálogo. Não obstante, um de seus membros, Filipe dos Santos, queria atacar, mas se contém. Entra em cena o cabeça Sebastião da Veiga, que fala em nome dos sublevados e vai ao palácio do conde. Enquanto este aguardava seu algoz, recebe vivas do povo e, após novo edital e o segundo perdão, uma “grande festa de luminarias” (idem, p. 26) encerra o episódio. Depois, sabemos, sem muitos detalhes, que outro motim no Sabará fora facilmente reprimido pelas diligências do ouvidor Bernardo Pereira de Gusmão.

Apesar das derrotas, os cabeças encontram outro pretexto para amotinar o povo, dizendo que somente Vila Rica iria pagar as 30 arrobas de ouro devidas pela lei dos quintos. O conde é obrigado a publicar mais um edital esclarecendo as resoluções anteriores. A essa altura, o medo substitui a cobiça como principal motor dos motins. Segue o de seis de julho, contra Martinho Vieira, que foge para o Rio de Janeiro. Em seguida, Mosqueira da Rosa é aclamado ouvidor pelos rebeldes – com o auxílio de Filipe dos Santos –, enquanto Sebastião da Veiga usa e abusa de estratagemas para convencer o conde a abandonar as Minas e, assim, poder tirar o governo de suas mãos.

Chega o aviso de um novo motim, cujo objetivo era aclamar Sebastião governador. A insistência dos cabeças, somada aos numerosos indícios de traição, leva à detenção tanto do personagem acima, quanto de Pascoal, Mosqueira e seu filho, o frei beneditino Vicente Botelho, além do franciscano Francisco do Monte Alverne. Por conta dessa decisão, Filipe dos Santos e outros rebeldes intensificam a violência, obrigando os moradores – já cansados de tantos motins – a tirarem os cabeças da prisão. O conde convoca uma reunião com os principais da Vila do Carmo, que o aconselham a guarnecer Vila Rica, conter seus moradores, “demollir, assollar, e arrasar as cazas de Pascoal da Silva, e todas / as mais que constasse serviao’ de escandalozo, e funesto receptaculo aos amo- / tinadores” (idem, p. 44). Com lágrimas nos olhos, ele acata a sugestão e ordena o socorro da dita Vila ao saber que “sequazes de Pasqual da / Silva” (idem, p. 45) tentavam amotinar povoações vizinhas. Assim, os Dragões, junto a alguns poderosos locais, auxiliados por escravos, ateam fogo no morro de Pascoal. No mesmo instante, “hum Luis So- / ares” (idem, p. 47) captura Filipe, que confessa o plano e é sumariamente condenado, enforcado e esquartejado. Através do violento castigo, cessam as perturbações, o governador garante a sujeição e o sossego das Minas.

## Moldura

Matéria bastante complexa, a *Notícia* retrata as Minas do Ouro como sociedade sempre inquieta. Importa, sobretudo, caracterizar o gênio maligno de seus moradores com relatos pormenorizados das ações e intrigas, o que deixa a qualificação da paisagem praticamente de lado. Nesse sentido, a narrativa perde cor, mas ganha em vivacidade na projeção desse mundo sedicioso, onde somente o castigo da sublevação iria trazer o sossego e cessar as desordens. Como vimos, a exposição dos motins constrói uma situação em que o conde precisa sempre reagir à ação dos cabeças. Afinal, o que pretendiam esses personagens? Os autores deixam claro que não se trata de condenar a lei dos quintos, mas expulsar o conde e usurpar essa parte importante do patrimônio régio.

A ambição pelo poder; o temor das dívidas e justiças; a ira contra os ministros régios, eis os sentimentos que moviam as sedições. O destaque nas intenções e estratégias dos protagonistas promove um quadro amplo da forma de sociabilidade típica das Minas no começo do século XVIII, onde havia uma “contínua ‘situação de negociação’” (MATHIAS, 2005, p. 59), com hierarquias mais fluidas, redes clientelares e jogos de interesses que formavam um amplo caldeirão social. Era a lógica de Antigo Regime sendo transplantada para o mundo minerador. A fim de garantir governabilidade, prestígio, poder e/ou fortuna, governadores, potentados e demais moradores elaboravam estratégias refinadas. Um desses mecanismos consistia na participação nos motins (idem). No código, tais premissas alimentam todo o percurso narrativo da sublevação, onde há um clima de tensão e mistério constantemente interrompido pelas digressões do narrador. Tudo precisa ser muito bem explicado: os desfechos de cada episódio, as decisões do conde, os gestos e comportamentos dos amotinados etc.

Esse afã explicativo deixa o texto mais denso e nos conduz a uma leitura específica da zona mineradora. A moldura se torna parte central da narrativa, pois comporta frequentes digressões e descrições. Podemos dizer que ela está diretamente relacionada à intenção da obra em justificar o castigo. Sua força e unidade reside nesse enquadramento das Minas, o que, por sua vez, corresponde ao imaginário partilhado entre os membros da administração do império português. Adriana Romeiro (2008) mostra como o caráter insolente dos mineiros era matéria de preocupação nas reuniões do Conselho Ultramarino, que sabia do ódio às autoridades régias e enfrentava sérias dificuldades para controlar terras tão distantes e populosas. Os ministros régios precisavam agir com prudência e até mesmo cooptar as elites locais, uma postura severamente criticada nas páginas do manuscrito em tela:

[...] porque tendo sido o governo do Conde / desde o berço o Hercules destas hydras, e destes leoens, esperavasse, q' / agora brotassem os efeitos da sua dor, que a severidade do Conde fi- / zera suspender, e supprimir, nao' perdendo [os cabeças] tao' opportuna occasiao', / em que interessavao' a vingança das suas paixoe's, e a restituçam / do seo antigo poder, *reduzindo, como dantes, ao governador a servil / dependencia, que delles tinhao' os passados* (IEB, p. 50, grifo nosso).

Diferentes de seus antecessores, o conde teria agido acertadamente ao conter com violência a sublevação de 1720, transformando os arbítrios desses poderosos em sujeição. A revolta é apresentada como obra premeditada de um grupo com interesses bem definidos contra o poder régio, indo além das reivindicações pontuais. Tal perspectiva corresponde ao linguajar da época. No *Vocabulario Portuguez, & Latino* de Bluteau, rebelião consiste no “levantamento de hum, ou muytos vassallos contra o seu Senhor” (1720, p. 136) e o ato de rebelar-se está relacionado às paixões, à falta de fé e ao desrespeito das leis do decoro. Ainda no prólogo da obra, os autores descontroem a ideia de que aquele evento seria um motim e não uma sublevação, criticando os mineiros por tentarem capear sua maldade com esse vocábulo menos detestável. A ação é caracterizada como “precipitado, cego, / e barbaro desatino” (IEB, p. 1).

Cria-se toda uma ambientação em torno da rebelião que é ampla e realista, pois traz uma pluralidade de motivos e intrigas inerentes ao cotidiano da sociedade mineradora. São muitos os exemplos da malícia de Pascoal, Sebastião, Martinho Vieira e outros personagens com menos destaques. Além disso, na segunda parte do códice, temos a relação de outros nove motins ocorridos nas Minas, além de um resumo sobre os Palmares. Essa etapa confere certo teor compilatório ao texto, começando por nove razões que justificam o castigo, além de ampliar a moldura ao inserir motivos externos à obra. Considerações de Plutarco, João Crisóstomo e Giovanni Botero acerca do dever e patrimônio dos príncipes constroem uma linha de raciocínio clara, que intercala teoria e experiências concretas, reforçando o lastro social da moldura.

Podemos resumir a tese da *Notícia* da seguinte forma: havia o risco da sublevação atrair outras regiões, dado que todos eram contra a lei dos quintos. O baixo contingente de soldados dificultava a contenção de tamanha rebeldia em terras tão distantes e vastas. Se era obrigação do monarca conservar seu patrimônio e reputação, o castigo tornava-se um dever. Até chegarmos aqui, são muitas as digressões que precisamos acompanhar. Podemos dizer que a moldura busca, ao mesmo tempo, instruir e causar o deleite pela ludicidade, capaz de fascinar o leitor<sup>7</sup>. O realismo e a amplitude da obra garantem a eficácia dessa projeção literária das Minas, uma realidade que entra em conflito com a ordem social e o poder régio, atentando contra o sossego doméstico.

## Protagonistas

O que causa esse cenário de inquietação permanente? Os caracteres e ações dos poderosos, apenas. Sabemos quais interesses possuíam, levados sempre pela ambição, o ódio ou o medo, “indignados por quaesquer leves antojos co’- / tra o governador, ou ministros, e mais justiças de El Rey” (IEB, p. 58). Há uma diversidade de motivos que convergem num jogo entre vícios e virtudes. Em Pascoal da Silva Guimarães, tudo o que aparenta bondade – “modestia, brandura, e docilidade” (idem, p. 3) – são apenas artifícios para angariar fortuna e prestígio. Ele, na verdade, “era / sediciozo, e malevolo, refochado, e vingativo” (idem, idem). Sua astúcia, no

---

<sup>7</sup> Aqui entendemos o lúdico como processo metafórico, que significa algo para além da vida comum, sem perder, no entanto, a seriedade (HUIZINGA, 1971).

entanto, não corresponde à caracterização de Sebastião da Veiga Cabral, cujos modos desordenados entregavam as reais intenções por trás dos enredos feitos ao conde, pois este não apoiara um requerimento seu para sucedê-lo no governo das Minas<sup>8</sup>. Da mesma forma, o povo, enquanto “rebanho de ovelhas após dos mes- / mos lobos que as devoram” (idem, p. 13), ingressava nos motins por temor das dívidas e da justiça do poder régio. Por serem contra a lei dos quintos, são instigados a se rebelarem. Depois, já satisfeitos com as resoluções do conde, abandonam a sublevação para buscar um sossego que seria impossível diante da violência dos cabeças.

A ruína desses poderosos estava próxima, daí a rebelião contra o governador e o rei. O conde sofre constantes atribulações, são vários os relatos de cavilações e estratégias. O texto valoriza a astúcia, a dissimulação e o segredo, deixando de lado qualquer informação que pudesse iluminar trajetórias individuais. Do Pascoal, sabemos da “humildade de / seu nascimento” (idem, p. 2) em Portugal e sobre como chegou às Minas, vindo do Rio de Janeiro, onde foi caixeiro. Com tramoias e à custa da mineração, ele adquire cabedal e autoridade, construindo um frágil edifício de poder<sup>9</sup>. A caracterização do morro onde residia é bastante vívida, servindo de exemplo ao seu gênio malévolos e sedicioso:

[...] serviam estas casas, ou povoavam de / Pasqual da Silva como de balluarte contra os afsaltos da justiça, / que lá nam podia entrar, [...] por- / que o filho de Pasqual da Silva castigando com os seos escravos / a deligencia nas alheas, ou nas que eram da protecçam de seu pae, / conciliava temeroza atençaõ', que nao' deixava chegar as execuõe's, / que temia, nem aos portais de sua casa, a qual tinha feito coute de // de ladroe's, maos pagadores, e assassinos com notavel prejuizo do povo (idem, p. 5-6).

Entre esses ladrões e assassinos, João Lobo Macedo, condenado pelo roubo e morte de uma mulher, se refugiara na casa do potentado em episódio relatado no códice. Reclamações contra Pascoal eram constantes, pois ele controlava a instalação de vendas e lojas no morro. Além disso, as que ali havia “serviam tambem de / lupanares, comercio abominavel, trato vil, e ganho illicito dos bran- / cos, que nellas punham, ou para melhor dizer, expunham, negras gentis” (idem, p. 6). Sem dúvidas, trata-se do protagonista de maior amplitude, apresentando nuances significativas na psicologia e nas ações. De início, ele dissimula a ira contra o governador, mas, nos bastidores, começa a sondar outros descontentes (inclusive na casa do próprio conde, durante o aniversário da condessa). Aos poucos, seu desgosto se torna público e, junto aos

<sup>8</sup> Ao contrário de Pascoal, poucos sabemos na *Notícia* sobre a trajetória do Veiga. Ele governou a Colônia do Sacramento de 1699 até a tomada pelos espanhóis, em 1705. Depois, seria governador de Abrantes, no reino, antes de regressar ao Brasil por volta de 1717 (MATHIAS, 2005).

<sup>9</sup> Tendo enriquecido através da extração do ouro e o comércio, Pascoal foi um dos principais expoentes da primeira geração de poderosos nas Minas. Eleito juiz ordinário da Câmara de Vila Rica, em 1719, também possuía a patente de mestre de campo (REZENDE, 2020). Na guerra dos Emboabas, auxiliou d. Antônio de Albuquerque no sossego das disputas entre paulistas e forasteiros, “sendo quase o principal instrumento da devida obediência que deram ao dito governador” (MATHIAS, 2005, p. 36).

demais cabeças, dá início aos motins. Sempre por trás dos grandes eventos, o principal cabeça usa agentes para amotinar o povo, como João da Silva (juiz ordinário em Vila Rica na época da sublevação), Filipe do Santos<sup>10</sup>, o frei Francisco do Monte Alverne, além dos cerca de 300 escravizados que possuía, segundo o texto<sup>11</sup>. O temor do castigo, no fim, o faz agir com ainda mais violência.

A *Notícia* conhece algumas poucas camadas ao caracterizar os personagens. O próprio conde, como vimos, depois de contemplar com os amotinados, muda de postura, decide “cortar a cabeça esta hydra” (idem, p. 43), mas, ao mesmo tempo, sua gentileza e piedade o fazem lamentar-se pelas terríveis consequências do castigo. O herói do texto representa essas e outras virtudes como a prudência, o acerto, a constância, o desenfado, a obediência ao rei etc. De onde vêm tantas qualidades? Da providência e misericórdia divinas. Enquanto ministro régio, ele é “acerrimo executor das ordens de El Rey” (idem, p. 17), uma posição bem marcada e reforçada pelos contrastes com outros protagonistas. Podemos afirmar que há uma exaltação da nobreza implícita à detração dos moradores das Minas:

Donde parece que os motins nesta terra por estes dous / diferentes indícios se compoem de duas qualidades de pessoas; ou / de dous generos de maldade. Da malicia daquelles que levados do / incrível dezejo de dominar o governo, se tinhao' antigamente apo- / derado da autoridade [...] e do furor de algu's da / infima plebe, que redusidos da fortuna a ultima mizeria, e teme- / rozos da justiça pellos seos empenhos, e delictos, [...] se agrega- / vam livremente a esta faççam (idem, p. 12).

Os autores desconhecem outra forma de apresentar os protagonistas. O jogo de antíteses é claro, por exemplo, nas intrigas entre o conde e Pascoal, no começo do texto, onde há um vaivém de ações e reações. Já no calor da rebelião, o desespero do Veiga contrasta com a isenção e indústria do governador. Nesse sentido, a *Notícia* mais parece um compilado de intrigas envolvendo os caracteres que compunham a sociedade mineradora. Assim, algumas figuras são inseridas sem muita caracterização, como Manuel Nunes Viana, Antônio Soares Ferreira, João Lobo Macedo e os frades Monte Alverne e Vicente Botelho, filho de Mosqueira da Rosa.

Além disso, há essa ideia de que o prestígio e a autoridade estão relacionados ao ambiente doméstico. O conde sempre age de seu palácio, onde é vítima das mentiras do Veiga; nas noites dos motins, os mascarados aterrorizam casas e profanam igrejas; Martinho Vieira fazia da “Casa donde / a administrava, mais que tribunal de dezagravos, teatro de afrontas” (idem, p. 13); o poder de Pascoal, como vimos, emana do morro que levava seu nome; os

<sup>10</sup> Herói consagrado por grande parte da historiografia acerca do *Discurso* e a Revolta de Vila Rica, Filipe dos Santos é um personagem secundário na *Notícia*. Os autores se limitam a classificá-lo como “grande amotinador” (IEB, p. 33), trata-se de um personagem dado à violência.

<sup>11</sup> Mathias (2008) aponta que a população escravizada também era parte integrante das redes de aliança formadas em torno das negociações que se desenrolavam nas Minas, podendo arriscar suas vidas nos motins pelos senhores.

amotinados vão à residência de Martinho na primeira noite de sublevação; e, acima de tudo, as Minas constituíam parte importante de um patrimônio que se encontrava ameaçado pela perturbação constante. A garantia do sossego viera com o castigo da sublevação, fruto dos acertos e das indústrias do governador.

### Composição

Entre a instrução e o deleite, o texto da *Notícia* trabalha com uma pluralidade de motivos e imagens circunscritos ao mundo das Minas. Esses são ordenados por uma superestrutura construída em cima do ambiente de violência e sedição. Interessa valorizar aquilo que convém à justificação do castigo, descartando quase todo o resto. Nesse sentido, a narrativa dá voltas em torno das ideias da expulsão do conde e a usurpação do patrimônio real. Tanto as intenções, como o desfecho da revolta nos são dados de antemão, pois constituem os princípios aos quais devemos basear a leitura. Há um esquema próprio para os motins, que é apresentado de maneira didática ainda no começo do texto e corresponde a cada episódio da sublevação. Esses eventos ocorrem geralmente à noite, pela ação de mascarados que aterrorizam casas, instigam o povo e logo atraem ladrões, assassinos e maus pagadores. Os efeitos de tal imagem se intensificam mediante uma caracterização viva das ações dos amotinados:

[...] aos agentes em todas as noites antecedentes, concorren- / do em tanto prejuizo da Villa para desordens inauditas, arrombando / portas, roubando casas, matando home's, profanando templos, insulta'- / do altares, destruindo as Leys do Monarcha, querendo por outras a seo / arbitrio, e levantarse rebeldes com o dominio de Sua Magestade, tra- / tando com infame, e escandaloza publicidade de erigir hua' republi- / ca neste governo (IEB, p. 46).

No manuscrito em tela, esse rico jogo de palavras visa despertar para a dimensão sensível da realidade, trazendo um conflito entre duas visões de mundo bem delimitadas. A capacidade de arrebatá-lo está diretamente relacionada à estética da obra. Busca-se, portanto, intensificar seus efeitos “pela elaboração bela e bem delineada de uma personagem, uma ação, uma palavra” (AUERBACH, 2013, p. 81). As imagens aqui servem para enriquecer o tema geral, refletirem as coisas mundanas, criando uma correspondência entre caracteres e ações:

[...] o Padre Frey Francisco do monte Alverne, religioso / Franciscano, e apostata (como quasi todos os mais Frades, q' cá / se acham) havia annos nestas minas, onde, contra as censu- / ras dos seus Prelados, o conservava nos altares a larguesa de / sua má conciencia, com os privilegios da bulla, que Pasqual / da Silva, e' outros muitos, em demonstraçam, e credito de seo po- / der, vendiam neste paiz (IEB, p. 10).

Como nao' havia tomar pê em tao' profundo pelago de / variedades, e o que parecia vento favoravel, era tempestade des- / feita, o Conde que já conhecia os mares, < sabia > via os rumos, e media a al- // altura, < com > ao Leme da Vigilancia (idem, p. 29-30).

[...] porque os poderosos / quasi todos conjurados, os povos atrevidos, os agentes dos cabeças descuber- / tos, deposto o temor, perdido o pejo, solto o dezaforo, os motins crescendo, a obe- / diencia cahindo, os perigos ameassando, o credito de El Rey, e seo lugartenen- / te empenhado, o zello de alguns na falta do castigo dos culpados queixo- / zo, e todos os bons finalmente escandalizados, aturdidos, e medrozos (idem, p. 53).

A força e o realismo da obra residem nessa construção ampla de oposições e equivalências, desqualificando a sociedade mineradora. Não faltam exemplos para ilustrar o gênio maligno dos mineiros. Algumas passagens comportam uma riqueza de antíteses e metáforas que conferem ritmo e vivacidade à narrativa, marcada pelas alternâncias e o tratamento dado à psicologia dos protagonistas. Na *Notícia*, “movemo-nos sem dificuldade no vaivém da peripécia” (AUERBACH, 2013, p. 98):

[Sebastião da Veiga] declarou q' na- / quella noite vieram dous rebuçados a sua casa dizerlhe, que os ca- / beças o tinhao' eleyto governador, e que se nao' quizesse convir, que mor- / reria [...]. E estudando o Conde mostrarlhe sempre hua' grande izenção, / e desenfado, nunca mais que agora lhe deo a entender o pouco aballo, / e nenhum çobroço, com que ficava: respondeolhe que aceytasse o gover- // no, comessou entao' a chorar a sua desgraça, e a revestirfe de mil / affectaçoe's (IEB, p. 35-36).

Outros trechos, no entanto, não passam de meros esquemas de ações em que importa destacar a astúcia dos envolvidos. Os relatos das cavilações de Sebastião da Veiga contra Martinho Vieira e dos enredos feitos a Manuel Queiroz e Antônio de Andrada e Góis são mais mecânicos, um pouco confusos e baços. A composição dos exemplos na *Notícia* oscila entre a construção elegante e descrições mal articuladas. Seu texto comporta um excesso de micronarrativas, requisitando a inserção dos autores em fórmulas de introdução e desfecho. Para encerrar a exposição dos estratagemas do Veiga, o narrador precisa anunciar: “Destas, e' outras, que por nao' ser molesto deixo de repe- / tir, fazia cada dia” (idem, p. 37).

A densidade dessas narrativas varia conforme o assunto tratado. Os eventos relacionados à sublevação, por exemplo, suscitam diversas reflexões, com relatos bastante circunstanciados. Neles, a profusão de resumos e digressões torna o texto mais didático, sem, no entanto, comprometer a riqueza. As ações, pensamentos ou mudanças são muito bem descritas e/ou explicadas:

Toda esta / multidao', e variedade de industrias, destresas, arteficios, e machinas o pre- / cizarao' a conciderar que já nao' havia medida nenhua', que guardar, mais / que cortar a cabeça a esta hydra, e ver (ainda que com grande risco) se podia / despedaçalla. A contingencia nao' era pequena, o perigo quasi evidente, mas / este era já o unico remedio, á que o reduzia, e violentava a extrema ne- / cessidade (idem, p. 43).

Trata-se de uma composição “abrangente e pictórica [...]”; as situações são mais concretas, a exposição é mais densa” (AUERBACH, 2013, p. 86). No geral, as transições ocorrem somente depois que uma cena é explorada à exaustão, quase não há clímax, como no episódio da queima do morro de Pascoal:

As cazas de Pasqual da Silva, que facilmente se nao' podiao' de- / mollir pella inteyreza, e rezistencia das grossas, e solidas madeyras, de que / se compunhaõ, mandou o Capitao' atacar fogo, e nao' custarao' muito á queimar, / porque parece que o elemento apurou a voracidade, como deleitandose em ar- / ruynar, e destruir aquelle escandalo da villa, padrao' da infidelidade, e mu- / ralha da ingrataidao', que a faltarlhe o castigo do ceo, podera muy bem consu- / mirse ao rayo das pragas, e maldiçoe's, que sobre ellas actualmente choviam (IEB, p. 46).

As notas nas margens, condensando o texto central, indicam qualidades ou defeitos; referem ações e citações; enumeram motivos e exemplos. Elas buscam orientar a leitura, complementando esse didatismo que não conduz, de forma alguma, “à aridez; a visada sensível é sempre vívida” (AUERBACH, 2013, p. 89). Acima de tudo, os autores buscam “ampliar seu campo e criar uma atmosfera” (idem, p. 88) ao articular dois ou mais motivos. Na segunda parte do códice, motivos internos e externos à obra se misturam com exemplos que dão concretude à ideia de necessidade do castigo. A rebeldia dos mineiros, os Palmares, a quebra dos perdões, os povos armados, as desordens, todas essas imagens sustentam uma linha de raciocínio ornamentada por citações em latim de Giovanni Botero, Plutarco e João Crisóstomo, tudo muito bem articulado com o todo da obra:

E porque esta doutrina se funde em experiencia, sem sahir / do Brasil, passemos das minas aos palmares, compoziçao' de quatro neg- / ros fugidos (IEB, p. 55).

E se por estar sessenta legoas do certao' era tao' defficul- / tozo ganhar aquelle terreno, que sustentavao' quatro negros brutos, se- / ria facil desalojar tantos mil home's com industria, e poder acantona- / do neste deserto? (idem, idem).

Alem de tudo isto se segueria com geral detrimento de / todas as praças da America, e ainda das mais conquistas, e ate do mes- / mo reyno (idem, p. 56).

Tais raciocínios podem comprometer o conjunto da narrativa e tornar a leitura menos fluída. Contudo, e de maneira geral, a *Notícia* possui o nexos interno e um lastro social que tornam seu texto atraente. A participação dos mineiros nos motins é bastante viva, há uma abundância de pormenores no tratamento dos personagens e episódios. Essas amplitude e vivacidade criam uma ambientação que reproduz a vida nas Minas, despertando à compreensão daquele mundo sedicioso e violento. O clímax, obliterado pelo elegante jogo de palavras, produz um efeito de intensificação capaz de fascinar o hipotético leitor. Editado a partir de outro códice, como mostra a pesquisa de Rodrigo Bentes Monteiro (2020), o manuscrito em tela também denota o apuro e

o rigor de uma composição para ser lida, preservando a originalidade e muito do caráter multifacetado de seu texto original.

## Conclusão

Olhando a moldura, os personagens e a composição da *Notícia*, encontramos um texto lúdico que, tal como a definição de “notícia” na época, ilumina a difícil realidade de uma terra distante. Ele enquadra o mundo das Minas de forma vívida, expressando o olhar socialmente condicionado dos autores, dois padres jesuítas apaniguados do conde. Também desqualifica todos aqueles que compunham a sociedade mineradora: as elites, os religiosos, os letrados e o povo. Essa detração ganha força no contraste com os elogios ao conde, que curiosamente aparece de forma anônima. O jogo de palavras no códice provoca o prazer pela estética, com uma composição rica de temas reconhecíveis. Suas imagens tornam aquele mundo mais palatável, dando fundamento e amplitude à exposição da revolta. A presença de algumas exposições mais arrastadas e/ou descritivas é compensada pelo movimento e o nexos interno da obra. Feita para ensinar e entreter, a *Notícia* esclarece os motivos do castigo exemplar. Podemos imaginar a satisfação do leitor ao reconhecer que a decisão do conde garantiu não só a derrota da sublevação, mas o triunfo da ordem social e o aniquilamento dos rústicos mineiros.

Os historiadores, de modo geral, buscam extrair informações objetivas dos documentos, e só essa objetividade não basta. A forma faz parte do discurso e, conseqüentemente, da representação do mundo real. Tal como o jovem Erich Auerbach, no início de sua emblemática carreira, quando ensaiava uma leitura bastante singular das relações entre história e literatura, buscamos aqui esboçar certa simbiose de crítica literária e contextualização histórica. O manuscrito em tela busca convencer pelo realismo, enquanto seu apelo emocional se dá na tensão narrativa. Bem como outras produções literárias, aparece ligado a gostos e expectativas socialmente identificáveis, sendo provavelmente elaborado para uma elite aristocrática e letrada, ávida consumidora de notícias, gazetas e sucessos com batalhas e conflitos no exterior.

Por fim, podemos dizer que, embora a *Notícia* possua alguns atributos das novelas estudadas por Auerbach, não é possível defini-la como tal. Para o autor alemão, conforme dito acima, o conceito de novela depende do lugar e da época na qual ela se insere. No dicionário de Bluteau, vemos que o termo pode designar um relato elegante de acontecimentos, escrito com honestidade e erudição, mas, curiosamente, nesta definição sobressaem os significados pejorativos. Trata-se de lição profana, fantasiosa, causadora da ruína espiritual, completamente oposta à verdade (BLUTEAU, 1728). E a fantasia, segundo o padre teatino, é o “que forma as imagens das coisas” (idem, 1713, p. 32), resultando do fingimento, tal como os sucessos de fábulas, “nem tão verdadeiros, nem verossímeis” (idem, idem, p. 4). Apesar de lidar com uma dimensão imagética da realidade, o escrito ora analisado possui um entrecruzamento mais complexo entre a história e a ficção, a ser estudado doravante com mais cuidado, na representação desse país inquieto das Minas do Ouro.

**Bibliografia**

ALMADA, Márcia; MONTEIRO, Rodrigo Bentes. “O *Discurso* e a *Notícia*. Manuscritos sobre a revolta de 1720 atribuídos a Pedro Miguel de Almeida, 3º conde de Assumar”. **Tempo**, v. 25, nº 1, jan.-abr./2019, p. 1-25. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042019000100001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042019000100001&lng=pt&nrm=iso).

Acesso em 23 de julho de 2020.

AUERBACH, Erich. **A novela no início do Renascimento. Itália e França**. Vários tradutores. São Paulo: Cosac Naify, 2013 [1921].

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. Tradução da Equipe Perspectiva. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001 [1946].

BELO, André. **As gazetas e os livros. A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso (1715-1760)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2001.

BELO, André. “Between History and Periodicity: Printed and Hand-Written News in 18th-Century Portugal”. **eJournal of Portuguese History**, v. 2, nº 2, 2004, p. 2-11. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01319119/>. Acesso em 01 de setembro de 2020.

BELO, André. “La política de los partidos: noticias de las guerras europeas en Portugal en la primera mitad del siglo XVIII”. In: GOMÉZ, Antonio Castillo; AMELANG, James S. (dirs.); SÁNCHEZ, Carmen Serrano (ed.). **Opinión pública y espacio urbano en la Edad Moderna**, Trea, 2011, p. 223-234. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01340194/>. Acesso em 01 de setembro de 2020.

BELO, André. “Notícias impressas e manuscritas em Portugal no século XVIII: horizontes de leitura da Gazeta de Lisboa”. **Horizontes Antropológicos**, nº 22, jul.-dez./2004, p. 15-35. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000200002&script=sci\\_abstract&tlng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000200002&script=sci_abstract&tlng=es). Acesso em 01 de setembro de 2020.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu/Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728, 8 vs.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão**. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.

COLLINGWOOD, Robin G. **A ideia de história**. Tradução de Alberto Freire. Lisboa: Presença, s. d., p. 108-118.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d’Aguaiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [2006], p. 112-138.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971 [1938].

MARTÍN MARCOS, David; MONTEIRO, Rodrigo Bentes. “Penachos de ideias. A Guerra de Sucessão da Espanha e a formação de Pedro Miguel de Almeida Portugal, 3º conde de Assumar”. **Varia Historia**, v. 33, nº 61, 2017, p. 253-284. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752017000100253&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752017000100253&script=sci_arttext). Acesso em 04 de outubro de 2020.

MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. **Jogos de interesses e estratégias de ação no contexto da revolta mineira de Vila Rica, c.1709-c.1736**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. “Recursos e orientações valorativas nas relações sociais escravistas – Minas Gerais na primeira metade do século XVIII”. **Instrumento**, v. 10, jan.-dez./2008, p. 73-86. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18632>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. **O código endiabrado. Interpretação do *Discurso histórico, e político (1720-2020)***. Tese para professor titular em História Moderna, Universidade Federal Fluminense, 2020.

REZENDE, Luiz Alberto Ornellas. **Poder local, agentes régios e controle camarário em Vila Rica, 1711-1789**. Tese de Doutorado em História, Universidade de São Paulo, 2020.

ROMEIRO, Adriana. **Paulistas e emboabas no coração das Minas: ideias, práticas e imaginário político no século XVIII**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SOUZA, Laura de Mello e (org.). **Discurso histórico e político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994.

WAIZBORT, Leopoldo. “Erich Auerbach sociólogo”. **Tempo Social**, vol. 16, nº 1, jun./2004, p. 62-91. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702004000100004&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702004000100004&script=sci_arttext). Acesso em 20 de junho de 2020.

### Documentos

ANÔNIMO. **Discurso histórico, e político sobre a sublevação, que nas Minas houve no ano de 1720. No fim do qual se expendem as razo'es, que o Excellentissimo Senhor Conde General teve para proceder summariamente ao castigo**. Manuscrito. [s/d]. AVC-17, Arquivo Público Mineiro, 476 p.

ANÔNIMO. **Notícia da sublevação, que nas minas do Ouro Preto houve no ano de 1720**. Manuscrito. [s/d]. AL-61, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 58 p.

LAMEGO, Alberto. “Mentiras históricas: notícia da sublevação que houve em Ouro Preto em 1720”. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 13/10/1929, p. 4.

Artigo recebido em 17/02/2021 e  
aprovado para publicação em 24/05/2021